

LANÇAMENTO DO LIVRO “NEOLIBERALISMO E DIREITOS HUMANOS” DE ANTÓNIO JOSÉ AVELÃS NUNES

Avelãs Nunes: arquiteto da ponte entre o reino da necessidade e o reino da liberdade¹

Luiz Edson Fachin

Bate à porta um verbo do tempo presente que ainda tem flores para contrastar com a barbárie das pedras mais duras que cimentam um olhar sombrio sobre o futuro. É na conjugação da esperança que vamos encontrar a obra de *António José Avelãs Nunes*, recém publicada pela Editora Renovar e lançada para todo o Brasil, sobre neoliberalismo e direitos humanos.

O que nela se contém, em verdade, contém muito mais do que aparente ali se vê: é uma lição de vida que relembra a saga cantada em verso por João Cabral de Melo Neto:

*Seu José, mestre carpina,
Que diferença faria
Se em vez de continuar
Tomasse a melhor saída: a de saltar uma noite, fora da ponte
da vida?
(..)*

1 O presente texto sistematiza as idéias expostas na saudação ao **Professor Doutor António José Avelãs Nunes**, catedrático de Economia Política da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, por ocasião do lançamento em 03.09.03, na Escola da Magistratura do Estado do Rio de Janeiro da obra **Neoliberalismo e Direitos Humanos**, publicada pela Editora Renovar. O evento foi levado a efeito no XII Congresso Internacional de Direito Comparado, coordenado pelo Professor Doutor Francisco Amaral e promovido pelo Instituto de Direito Comparado Luso-brasileiro, no Rio de Janeiro, com apoio da EMERJ, de 03 a 05 de setembro de 2003.

- Severino retirante,
Deixe agora que lhe diga: eu não sei bem a resposta da
pergunta que fazia,
se não vale mais saltar fora da ponte e da vida; nem conheço
esta resposta,
se quer mesmo que lhe diga;
É difícil defender,
Só com palavras, a vida,
Ainda mais quando ela é
Esta que se vê, severina;
Mas se responder não pude
A pergunta que fazia,
Ela, a vida, respondeu
Com a sua presença viva.

E não há melhor resposta
que o espetáculo da vida:
Vê-la desfiar seu fio,
Que também se chama vida,
Ver a fábrica que ela mesma,
Teimosamente, se fabrica,
Vê-la brotar como há pouco
Em nova vida explodida;
Mesmo quando é assim pequena
A explosão, como a ocorrida;
Mesmo quando é uma explosão
Como a de pouco, franzina;
Mesmo quando é a explosão
de uma vida severina.²

Em seu *Auto de Natal Pernambucano*, João Cabral de Melo Neto traça o caminho percorrido desde a morte até a vida que abrolha dos recônditos mais insólitos, para consolidar a sua força e perseverança. Motivado por seu sonho, e por

2 Fragmento extraído da obra *Morte e Vida Severina*, poema de autoria de João Cabral de Melo Neto, p. 60 (Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 34ª ed., 1994).

uma inesgotável fonte de esperança, singra o homem – Severino – o caminho de seu viver em busca da afirmação do sentido de sua própria existência.

Caminhada semelhante anuncia o Professor Doutor Antônio José Avelãs Nunes em sua obra, quando nos indaga: *Que expectativas se abrem aos povos injustiçados de todo o mundo?* (p. 118). Reforçando o valor da vida, não apenas vivida, mas também sonhada, nos responde o próprio professor: *Ninguém terá uma resposta infalível, mas temos que ter a coragem de evitar que a censura totalitária do pensamento único nos impeça de dizer e de escrever aquilo que pensamos e nos impeça de pensar aquilo que dizemos e escrevemos* (também à p.118).

Esta reflexão encontra guarida também nos versos de João Cabral de Melo Neto, cuja aproximação desvenda um novo modo de discorrer sobre o fenômeno econômico e jurídico, não como reprodução de modelos arcaicos e insatisfatórios frente às graves demandas sociais, mas como transformação do que se demonstra injusto e excludente.

Severino nega o caminho da morte que avulta em todo o seu itinerário que vai do sertão no interior pernambucano, na metáfora da morte, até Recife, espelho simbólico da vida. Na obra *Neoliberalismo e Direitos Humanos*, o Professor Avelãs também recusa a ideologia do pensamento único, constituído no ideário de império por parte dos produtores da ideologia dominante que pregam a massificação dos padrões de consumo, dos padrões de felicidade, estes sim verdadeiros *caminhos para a servidão* (Hayek). E propõe, nas palavras de Amartya Sen, um desenvolvimento social que seja “um processo de expansão das liberdades reais de que as pessoas desfrutam”, pois “a expansão da liberdade humana é tanto o principal *fim* como o principal *meio* do desenvolvimento.”

Do mesmo modo que Severino retirante não se resignou frente a seu destino certo, a morte morrida ou matada – não silencia o professor Avelãs quando propõe, como alternativa a esta organização social que aí está, a modificação das estruturas de poder então vigentes.

Para tanto, faz-se imprescindível uma leitura política do fenômeno econômico para a satisfação das necessidades humanas e respeito aos direitos fundamentais, sempre centrando na idéia da dignidade da pessoa humana. O autor nos diz: “*O mercado (e suas leis naturais, aprioristicamente capazes de resolver todos os problemas da humanidade) é precisamente um dos mecanismos fundamentais da estrutura de direitos e poderes que se admite ser necessário modificar*” (p. 118).

Nesta perspectiva, o intercruzamento entre estas duas grandiosas obras manifesta-se em uma dúplici dimensão: A primeira diz respeito a centralidade e superveniência da vida, ou seja, do humano. Não pode o direito, ou as relações de poder, sobrepor-se ao *ser* (p. 116). É, justa e necessariamente, a vida humana o elemento teleológico que alimenta o fenômeno jurídico em busca de seu substrato axiológico, a justiça.

A outra dimensão que aqui se faz referência é a possibilidade; a manutenção do direito de sonhar com um porvir diferente e mais solidário do hoje que se põe. Assim como Severino que, sustentado por sua aspiração – a única restante – de esperança, atravessou a barreira da morte e aflorou para a vida; podemos nós, acreditando que *o projeto neoliberal está fadado ao fracasso* (p.121), visualizar novos horizontes, para que, ultrapassando as ideologias que pregam *o fim da história, trilhar caminhos que respeitem a dignidade do*

homem, o desenvolvimento integral da sua personalidade e a conquista do seu bem-estar material (p. 111).

A ‘*nadificação do outro*’, nas palavras do cineasta brasileiro Walter Salles (citado por Avelãs Nunes à p. 110), que tantos “*irmãos das almas*” produz, ora em nome do sagrado direito de propriedade de patente (p. 94), ora porque “*quem paga ao tocador é quem escolhe a música*” (p. 91), deve ser denunciada. E eis aí o mais importante papel social dos *Severinos de Maria e santos da romaria*: a resistência e a obstinação: na esperança de que um outro mundo é possível.

Assim como Severino, e *somos muitos severinos iguais em tudo na vida*, não podemos nos calar e nos acomodar a esta estrutura de reprodutora do poder e promotora da fome, e temos, no cenário da contemporaneidade, que encontrar *razões para acreditar que podemos viver num mundo de cooperação e de solidariedade, num mundo capaz de responder satisfatoriamente às necessidades fundamentais de todos os habitantes do planeta.* (p. 122)

Subscrevemos, por isso, a lição necessária para seguir em frente, *saltando do reino da necessidade para o reino da liberdade*:

“As mudanças necessárias não acontecem só porque nós acreditamos que é possível um mundo melhor. Essas mudanças não de verificar-se como resultado das leis de movimento das sociedades humanas, e todos sabemos também que o voluntarismo e as boas intenções nunca foram o motor da história. Mas, a consciência disto mesmo não tem que matar nosso direito à utopia e nosso direito ao sonho. Porque a utopia ajuda a fazer o caminho. Porque sonhar é preciso, porque o sonho comanda a vida” (p. 123).

Por isso, saudamos o autor e a obra que escrevem na arquitetura da vida a ponte entre a necessidade e a liberdade, entre a barbárie e a esperança, e aqui celebram, acima da crueza das pedras, o encanto de um encontro que, resistindo à tragédia e à barbárie, produz flores e frutos.

Como *não há melhor resposta que o espetáculo da vida*, floresce nela convite à reflexão sobre a vida presente. Nela, o porvir que bate à porta. Recomendo deixá-lo entrar.